



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

MENINA TECELÃ: TECER LEMBRANÇAS, BORDAR PALAVRAS

Marcia Daniele dos Santos Lobato

Resumo

Este artigo surge a partir da leitura de algumas obras de Lindanor Celina e objetiva uma proposta de diálogo sobre o percurso inicial da autora no cenário literário como romancista, no final da década de 50. O artigo se fundamenta na leitura da obra literária *Pranto por Dalcídio – memórias* (1983), na qual a autora partilha suas lembranças da amizade com Dalcídio Jurandir. Durante o estudo são observadas algumas considerações sobre a escrita de Lindanor pela perspectiva tempo, espaço e memória. Para tanto, lança-se mão de algumas de suas obras que auxiliam no entendimento das temáticas no percurso de escrita da autora, assim como a leitura de Meneses (1995) que discute literatura, memória e ficção em *O Poder da palavra*; Nunes (1995) pelo estudo da obra *Tempo na narrativa*, entre outras leituras que serão apreciadas no texto e que compõem o diálogo deste estudo.

Palavras-chave: Lindanor Celina. Literatura. Memória.

Abstract

This article comes from the reading of some works by Lindanor Celina and aims at a proposal of dialogue about the author's initial course in the literary scenario as a novelist in the late 50's. The article is based on the reading of the literary work *Pranto por Dalcídio - memórias* (1983), in which the author shares her memories of the friendship with Dalcídio

Jurandir. Along the study some considerations about the writing of Lindanor by the perspective time, space and memory are observed. Therefore, some of her works are used to help in understanding the themes in the author's writing, as well as the reading of Meneses (1995) that discusses literature, memory and fiction in *Poder da palavra*; Nunes (1995) for the study of the work *Tempo na narrativa*, among other readings that will be appreciated in the text and that make up the dialogue of this study.

Keywords: Lindanor Celina. Literature. Memory.

Lá vai o trem com a menina...

Ó trem,
Me leva para Belém,
Ó trem, ó trem,
Me leva para Belém
(Lindanor Celina, *Menina que vem de Itaiara*)

A tessitura deste artigo suscita o desejo de dialogar, um pouco, sobre a trajetória inicial da identificação de Lindanor Celina como romancista, pois, escritora, foi toda vida. Quiçá, dizer, a partir de leituras, um pouco do lirismo na oralidade onde autora habita e tece com maestria nas crônicas, nos romances, na poesia.

Em 2017, se comemora o centenário do aniversário da autora, nascida no dia 21 de outubro de 1927, mulher das Artes, mãe, escritora, jornalista, vivente agora na *Lonjura...* Palavra tão cara a Lindanor Celina. “Lonjura” que separa nesse tempo-espaco tantos abraços de saudade e gratidão, sempre à espera. Laço tecido entre nós leitores, e tantos outros que ganhaste com tuas “palavras-flores” como disse Ápio Campos.

A partida de Lindanor Celina foi dia 04 de março de 2003, uma terça-feira de carnaval (e como adorava o carnaval!), *abre-alas* para tua chegada em outro plano, motivo para uma crônica de amor e saudade. Afinal, terça-feira, também é dia de *Minarete*¹. Depois de muitos anos vivendo na França, eis que *Irene* volta morar em Belém, no momento que, em cortejo, suas cinzas são lançadas na Baía do Guajará.

¹ Minarete – coluna de crônicas assinada por Lindanor Celina no jornal *A Folha do Norte*. Publicada aos domingos, algumas terças-feiras e às quintas-feiras, eventualmente.

“Não cabia em Belém!”, assim me disse um dia, a professora Josebel Akel Fares sobre a Menina que vem de Itaiara, que vem da imaginação pelos trilhos da estrada Belém-Bragança. A Itaiara de Lindanor é como uma Aruanda para Eneida, lugar real e surreal de vida concreta e repouso da alma, onde aprendeu com seu Mestre Dalcídio a ouvir e perceber no Outro o que tem de mais sagrado: sua vida, sua história, sua voz.

Portanto, para desenhar as linhas deste estudo, aponto-me na leitura de algumas obras da autora. Para tanto, como é nosso objetivo falar um pouco sobre sua constituição como escritora, trazemos à baila, essencialmente a leitura da obra *Pranto por Dalcídio Jurandir* (1983), na qual Lindanor rende homenagens pelas suas lembranças a Dalcídio Jurandir alguns anos após sua morte. Seu amigo e mestre no caminho da escritura, esse que é o maior romancista do Brasil.

O que a arte pode fazer na vida como ato pulsante e transgressor, Lindanor conhece bem. Das coisas que se deseja dizer sobre Linda, Lindanor Celina, muitas vivem, inquietamente, no meu pensamento e no lugar de afeto e gratidão por ter conhecido tal literatura, de modo que, todas as palavras seriam poucas.

Assim, as letras deste artigo foram escritas com o sentimento que um leitor possa sentir, e sente. Inevitável é o convite ao mergulho na sua prosa poética incessante. Fruição de dor e prazer. Almeja-se que estas linhas sejam convite à sua literatura na leveza e

na densidade da estética memorialística, catártica e atemporal a provocar suspensão.

Itaiara... Essa palavra cheira!

*Tudo no mundo começou
com um sim.
Uma molécula disse sim a
outra molécula e nasceu a
vida [...] como começar
pelo início se as coisas
acontecem antes de
acontecer?
(Clarice Lispector, A hora
da Estrela)*

É provável que Lindanor Celina não soubesse muito bem quando é a hora da estrela, será? Soube quando foi a sua hora? Talvez, não o soubesse, quem sabe, justamente, por isso é que deu às mãos a Dalcídio Jurandir – a quem Lindanor tinha como mestre e amigo, tanto nas lições de escrita quanto para as lições da vida.

Lindanor e Dal (assim chamava Dalcídio) conheceram-se na década de 50; Lindanor Celina trabalhava no Tribunal de Justiça, Doutor Raymundo Santos Moura, seu chefe na repartição; em paralelo a esse trabalho, a escritora assinava a coluna de crônicas Minarete na *Folha do Norte*, revisadas pelo professor Paulo Maranhão, publicada aos domingos. Às vezes nas terças-feiras e quintas-feiras, em alguma eventualidade.

A propósito, foi por ter conhecimento de uma das suas crônicas que Dalcídio descobriu o talento de Lindanor para a escrita. O relato está descrito pela autora no livro *Pranto por Dalcídio* (1983) como já fora citado, cuja obra é fundante neste estudo por trazer à leitura momentos que perpassaram o

percurso de escritura de Lindanor Celina pelas suas lembranças, desde a época em que escrevia crônicas para a *Folha do Norte* até o nascimento de seu primeiro romance, *Menina que vem de Itaiara* (1963). Neste intento, a trama do texto está no tocante à memória de Lindanor.

Pranto por Dalcídio é a tessitura sensível das memórias de Lindanor para Dalcídio Jurandir². A obra é como uma carta de amor, declaração de afeto de vinte anos de amizade e da uma relação entre mestre e aprendiz no ofício das letras.

Nas primeiras páginas, o leitor se vê ao lado de Lindanor, sentada na praia em Skyros, tarde embalada ao som das ondas num lugar distante que nos unirá pelas lembranças de alegria e dor guardadas no recôndito da alma da escritora; caderno nas mãos e a dor da partida do amigo em ebulição, esta que foi por muitas vezes adiada: “Desconfio: no fundo, no fundo seria um medo de sofrer? Por isso fui adiando esse Pranto? [...] Sim, deve ter sido isso, não sei. Transmudá-lo em palavras que eu queria – ô tanto – as melhores, as primorosas, a você Amigo”. (CELINA, 1983, p. 5)

A obra é tecida de momentos vividos pelos amigos como a doença do filho de Lindanor e a morte do filho de Dalcídio; também, de momentos vividos em Belém: a visita de vários escritores organizada por Eneida, em meados de outubro no ano de 1960, época em que se conheceram “Quando te conheci, Dalcídio? Primeiro foi teu nome. Era

em casa de Machado Coelho, [...] Final dos anos cinquenta.”; os passeios no Itaiara; noites de autógrafos; a visita de Simone de Beauvoir e Sartre. Depois, lembranças da distância de Lindanor quando vai morar na França até chegarmos nos relatos sobre saúde fragilizada do amigo Dalcídio.

Lindanor Celina descreve como foi o primeiro encontro. Aconteceu na chegada da comitiva de escritores trazidos por Eneida na época do Círio de Nazaré no Aeroporto de Val-de-Cães.

Até que houve aquela tarde. Aeroporto de Val-de-Cães, Belém do Pará. Era no tempo do Círio de Nazaré. Quem o Governador do Estado?[sic] Sei lá. Só sei que Eneida, cronista paraense famosa em todo Brasil, conseguira com seus prestígios passagens para todo um bando de escritores do Rio. Fomos à chegada deles. [...] E era o mais silente. Todos parolavam animados. Eneida no meio, ver uma rainha. Festejada. Adulada. Aquele o seu cortejo? Mas havia ternura entre eles, senti. Engano-me? Penso que não. Falava-se, falava-se. [...] quando os outros gargalhavam, ele sorria. Era não só o mais silencioso, mas ainda e como de propósito o mais humilde – não, a palavra não serve. Humilde, ele? Não: era digno demais. Porém, o mais modesto”. [...] Bar do Aeroporto Internacional de Val-de-Cães, véspera de Círio. Foi num bar que nos vimos por vez primeira. Como se fosse um meio destino dessa nossa amizade que durante anos se nutriu de noites e noites em tavernas e botecos da Guanabara.(CELINA, 1983, pp. 12-13)

Desde esse encontro, não se afastaram mais. Dal ficou o período da viagem na companhia de Lindanor e sua família. O estreitamento da amizade foi imediato, começaram a conviver mais próximos, partilhavam seus momentos, suas vivências;

² Dalcídio Jurandir foi romancista. Escritor de grande expressão com várias obras publicadas entre as muitas, cito: *Chove nos Campos de Cachoeira*, *Marajó*, *Três casas e um rio*, *Belém do Grão-Pará*, entre outras.

mas Dalcídio, ainda, desconhecia o fato de Lindanor escrever a coluna de crônicas na *A Folha do Norte*, o *Minarete*.

Tempos depois, em um dos seus momentos de passeio foi que veio, a saber, de tal fato. Em um desses passeios, logo depois do almoço, Dal pegou o jornal para ler, Lindanor por sua vez, demonstrou bastante nervosismo e expectativas (negativas ou positivas) em relação aos comentários que viriam daquela leitura.

E foi na Vila Monção. Um domingo de manhã. Depois do almoço, Dalcídio pegou *A Folha do Norte* e deu com o *Minarete* – era uma crônica sobre Sartre e Simone de Beauvoir, eu os havia conhecido recente, em Belém mesmo, numa feijoada no Grande Hotel. Vi quando pegou o jornal e me fiz distraída: adoraria demais ele me desse sua opinião sobre essa primeirinha coisa que lia, escrita por mim, mas tinha também um receio: embora comendo conosco, saindo conosco, mergulhando, nadando conosco, não era ele para mim a sempre Estrela, a inacessível Estrela? Tão alto, tão longe de mim na sua arte, que nem sequer lhe havia dito que escrevia nada, nada mesmo, e já cronicava há um bom par de anos, uns seis, penso mas disso não lhe soprara uma vírgula, dessa minha primeira – se assim poderia dizer – literária. [...] Sei que depois de quanto tempo? Quinze minutos, vinte, meia hora, ele falou: “Lindanor”. E me olhou como quem nunca me vira, mas num calmo, sério espanto, era isso, estava tão sério, parece-me ainda vê-lo [...] – Sente-se aqui – que ele me pediu. E me olhava, olhava, todavida austero, eu disse comigo: é agora, com franqueza de um irmão, de um amigo que só quer o meu bem ele vai já-já me botar água na fervura e me acabar de vez com essa prosa. Mas Dalcídio me encarou firme, com uma determinação e uma autoridade que nele raras, raríssimas vezes constatei, ou mesmo nunca mais,

e me disse: “Você é uma escritora.” (CELINA, 1983, pp, 23-4).

Não se sabe exatamente o dia em que foi publicada tal crônica sobre Simone de Beauvoir e Sartre, depois de algumas pesquisas no jornal da época, encontrou-se muitas crônicas, mas nada sobre Simone de Beauvoir. A própria autora lamenta o fato de não se lembrar nesse momento dos detalhes sobre o texto, todavia, Celina sugere que a crônica falava muito mais sobre o encontro de amigos para uma vida, do que, propriamente, um texto jornalístico.

Como não anotei ao menos a data? Nem sequer tenho mais a crônica. O tema, lembro, era sobre Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, espécie de *croquis*, relato intimista, tão pouco jornalístico, de nosso primeiro encontro no Grande Hotel, eles dois comendo feijoada, eu de caderno em punho para a entrevista – e dali nasceu uma amizade para toda vida. (CELINA, 1983, p. 26 - grifos da autora).

Cabe aqui, um adendo para falar sobre esse texto, memória de afeto para a escritora, a partir dos seus relatos é possível perceber que dali daquele encontro com Simone e Sartre nasceu uma grande amizade, para além, a importância de ter sido esse texto apreciado por Dalcídio, faz do elogio, uma força que a impulsionou para o projeto do primeiro livro, que nasceria mais tarde e do qual falaremos adiante.

Por hora, trazemos um trecho de uma crônica publicada na obra *A viajante e seus espantos* (1988), intitulada *Simone de Beauvoir*, claro, não se trata da crônica

publicada no Minarete, mas traz um pouco do que significou para Lindanor essa amizade.

Há quantos anos?, procura, busca nos socavões da memória aquela manhã primeira da nossa longa amizade: era em Belém do Pará, no Grande Hotel, ela e Sartre comiam uma feijoada de sábado, e assim chegaste, tão neófita, perante os dois, o pretexto, uma crônica no jornal, mas no vero, a curiosidade de ver de perto os dois mitos. Foi em 1960. Esta amizade, sua estória simples, não cabe aqui. (CELINA, 1988, p.101).

A história dessa amizade é um deleite, o trecho citado diz, minimamente, da grandiosidade dela, entretanto, devemos fazer um retorno para outra amizade, àquela que fez suscitar o desejo e a concretização de Lindanor Celina como romancista. Depois que ele leu sua crônica e a incentivou a escrever, ela diz não ter mais sossego. Sua vida repartida em duas etapas: antes daquele domingo e depois. O veneno foi inoculado por Dalcídio.

A amizade entre Dal e Lindanor se fortaleceu, costumavam ir aos balneários e igarapés juntos, era o passeio preferido, sempre frequentavam o sítio em Icoaraci – O Itaiara que já existia na segunda viagem de Dalcídio a Belém, depois de ter conhecido Lindanor; lugar de afeto, espaço real e surreal, onde coabitam ficção e realidade, para além, o ponto de partida para o primeiro romance *A menina que vem de Itaiara*.

Nos arredores do Itaiara, morava um casal de velhos, no meio da mata. Eles traziam consigo histórias, lições de vida. Dalcídio gostava de visitar o entorno do sítio, observar o jeito das pessoas, conversar e acima de tudo

ouvir. Ouvir a história daquela gente. Cada um traz a sua história, suas vivências e era essa a lição que transmitia a Lindanor. E hoje para nós.

Estávamos no sítio, aqueles dias de milagre, e ele era conosco, vivia conosco na mesma casa, na nossa vida, de manhã, de tarde, de noite e tudo ali o encantava. “Vamos ver os velhos?” – ele convidava como se dissesse vamos *ouvir* os velhos? Dalcídio nada perdia. [...] O velho falava amansando as palavras: “Eu conto do ontem e do hoje”. E falei: “E do amanhã?” Resposta dele: “O amanhã são enganos...” Dalcídio me olhou como iluminado: “você viu?” [...] Gostava de ouvir as pessoas. Atento ficava a escutá-las, numa espécie de fome contida como se há muito disso tivesse sido privado, a fala do seu povo, sua gente paraense. [...] Dalcídio ouvia e no caminho de volta a nosso rancho (sempre Itaiara, estamos em Itaiara) comentava: “viu como eles falam? É uma riqueza. Você não deve perder esse material”. – “Mas eu?” – “Sim senhora, é o seu mundo. Ouça tudo e vá anotando, que um dia isso lhe serve. É só ir buscar. Nos guardados”. – “E pôr na boca de outra gente, Dal?” – “Por que não?” – “E se não der, se soar falso?” Ele ria, levantando um pouco o queixo, nem superior, mas bem dono, consciente de uma verdade, aquela sim, não tinha receio de afirmar: “Ah minha senhora, aí é que está. Se não der, não colar, a culpa é sua.” (CELINA, 1983, p. 67).

Assim, nossa Viajante aprende uma das lições mais importantes da sua escritura: perceber e ouvir o Outro. A teia narrativa se entrelaça pela poesia da voz. A oralidade serviu à escritora como alicerces de sua obra, quando seu professor diz “ouça!”, é preciso sensibilidade para valorizar, ouvir e reconhecer a essência das histórias vividas a serviço da arte.

O pedido de Dalcídio era que Lindanor se dedicasse a escrever. Depois de dias de convivência a ouvir e partilhar as histórias dos velhos havia material suficiente para começar a escrever. Ao passo que, depois de muitas tentativas ela apresentou ao seu professor uma crônica intitulada *Quando te conheci mamãe?* Ele pediu para ela transformar a crônica em romance. “Uma coisa era assente: eu devia escrever um livro, um romance. [...] Fiz o livro em dois meses. Estava embalada. Ele ao partir, nessa sua última viagem a Belém, deixou-me aquela herança.” (CELINA, 1983, pp. 78-9).

Tempos depois, Lindanor foi para o Rio para adiantar o livro, visitar Dalcídio que sofria a morte do filho João; no início da viagem passeios e vinhos. Passadas duas semanas ali, voltou à rotina de escritora. Turnos dobrados: manhã e noite. Até que chega o dia de festejar o nascimento do filho, ainda, sem nome e nos narra sobre o feito...

Lembro-me como se fora ontem. Dalcídio veio, jantamos. Ele leu, e quando acabou disse: “Muito bem, minha senhora. Está feito – logo emendou: o principal está feito. Você agora nele não toque mais. Em Belém recomece o trabalho. Passe a limpo as vezes que quiser, que achar necessário. Mas não “enxugue” demais: seu estilo, pelo menos nesse gênero de romance, é bom que conserve um certo “limo”. Não faz mal”. “Dalcídio, então acabei, mesmo!” O que fizer daqui pra frente é só polir! Está feito! “Eu fiz, Dalcídio?” – “Sim, você fez”. Olhou-me sério, por detrás das lentes seu olhar chegava pesado, e como que tudo ficava, certas horas, subitamente mais grave: “É. E ninguém poderá dizer que não presta. Ninguém!” (CELINA, 1983, p. 97)

Nascia o primeiro romance de Lindanor Celina, o *Menina...*, àquela altura, fala

da surpresa que sente em ver sua obra, seu primeiro romance como objeto de estudos, anos depois. No trecho acima, como em outros momentos de *Pranto por Dalcídio*, Celina ao rememorar faz um retorno à fase de escritura da obra. Assim, vimos o livro finalizado há poucas linhas no momento de nossa leitura e para além, o vemos hoje, na perspectiva da autora no momento da escritura de suas memórias. O ontem, o recordar e o hoje - pivô de sua criação literária.

Ao regressarmos com ela nas suas lembranças, vemos o futuro do passado no Presente, na sua surpresa em ver seu livro voando alto após vinte anos, “recuo pela evocação”, afirma Benedito Nunes em *O tempo na Narrativa* (1995) ao falar sobre anacronia e sobre os termos que justificam essas retrospectivas, à luz dos estudos do crítico literário Gerard Genette que são: Analepse – que é propriamente, a retrospectção; a Prolepse – que é a prospecção; e ainda, a prolepse analéptica – que é a antecipação do retrospecto, nesse último caso pode-se perceber um viés da estilística de Lindanor Celina.

O retrospecto é feito numa *exposição separada* interrompendo a ação principal, que volta ao seu recurso quando ela termina. O *recuo* pela evocação de momentos anteriores, como também o avanço pela antecipação de momentos posteriores aos que estão sendo narrados. (NUNES, 1995, p. 32)

Livro pronto, mas ainda sem título, “Foi Dal quem sugeriu: “Alguma coisa como Menina que vem de... ”Gritei: “De Bragança!” Ele:[Dalcídio] “Seria ótimo. Mas você se

descobriria demasiado. Não. Você tem de achar outro local, invente”(CELINA, 1983, p, 98). Pediu ainda opinião de outros amigos, Raymundo de Souza Moura, Machado Coelho, Francisco Paulo Mendes, primeiro a apreciar seu livro; seu amigo e compadre. Em ocasião, ele a questiona se a obra trata-se de uma autobiografia.

As primeiras páginas, quantas? Poucas, mostrei-as a Francisco Paulo Mendes, numa “carona” que lhe dei, éramos compadres e amigos, eu ia em direção ao Marco, ele ia dar aulas na mesma direção, a Faculdade de Filosofia era no bairro. Por um puro acaso trazia comigo o caderno, capa de arame (isso me ficou durante muito tempo, uma espécie de rito: caderno capa de arame [...]) (CELINA, 1983, p. 80)

O título surgira como uma surpresa, que aconteceu num final de expediente do Tribunal, “Mais tarde o doutor Raymundo Moura, meu chefe então no Tribunal, foi quem criou a palavra *Itaiara* – achamo-la juntos, os dois. (...) e de repente ele bradou; Itaiara! Que bela palavra! (...) Essa palavra cheira!” (CELINA, 1983, p, 131). Dalcídio ainda apresentou reservas sobre o nome, mas, mesmo assim, o título ficou assim: *Menina que vem de Itaiara*.

Devo ter escrito umas mil páginas na confecção da *Menina*. Para o título, dois amigos me aconselharam: Machado Coelho sugeriu um, lindo: *Menina que vem de Maiandeuá*. Raymundo Moura, meu chefe no tribunal, foi quem criou a palavra *Itaiara* – achamo-la juntos, os dois”. [...] Assim foi numa tarde dessas em que, final de expediente, conversávamos sobre literatura, que ele descobriu, descobrimos a palavra, ambos fazendo exercício de fonética,

quase como numa aula de dicção. Repetíamos o título, a primeira parte do título já escolhida, definitiva: “*Menina que vem de... Alcântara... de Zamora (Zamora é bonito mas é Árabe, ele ponderou)... de Maiandeuá... de Ita...Ita...(eu disse), e de repente ele bradou: Itaiara! Que bela palavra! – ele próprio encantava-se com a descoberta! Essa palavra cheira!*”” (CELINA, 1983, p. 130)

A hora da estrela, para a escritora que cresceu para o mundo, colecionou prêmios, nos ofertou obras de forte expressão para o cenário literário. Lindanor, mesmo morando em Paris, jamais deixou de demonstrar seu amor pelo seu lugar. Bastou que comesse a escrever para deslanchar. A sensibilidade de Dalcídio em perceber que Lindanor se tornaria grande escritora impressiona. Ela, também se impressiona com a força que a move, a chama de “força estranha”. Digo, todavia, que não é “estranha”. A força motriz é a poesia.

É curioso como a pessoa entra numa profissão dessas assim por uma força estranha. Um destino? Era uma fase feliz, pela absoluta inconsciência de tanta coisa! Tudo o que eu pretendia, se na verdade algo pretendia: escrever o livro, acaba-lo, editá-lo. Meus sonhos não iam além daí, nem eu via mais longe. Nada. [...] Passei a limpo quatro vezes ou cinco a *Menina*? Cinco. Não possuía máquina elétrica. Foi o “filho” mais trabalhoso? Talvez. Mas provavelmente o que menos angústia me deu até hoje. Nasceu. Pobre. Abriu sozinho e devagar, devagar, o seu caminho por aí. E quando decorridos vinte anos, quase, o vejo objeto de estudos sérios, de uma tese, abano a cabeça, sou obrigada a reconhecer: este meu filho me dá gosto. (CELINA, 1983, p. 91)

Dalcídio faz a apresentação do primeiro livro de Linda como quem anuncia o nascimento de ambos para o mundo – criador e

criatura – Lindanor Celina e *A menina que vem de Itaiara*. Lugar que é nosso a partir de então. Pelo trilho das memórias com a Viajante apreciamos, também, com a história de Irene que é contada por Dalcídio.

Lindanor Celina, neste seu primeiro livro, nos fala de uma cidade do interior paraense onde a personagem viveu e guardou na memória e no coração as imagens da família, da vizinhança, da meninice, dos costumes, um instantâneo de pessoas, bichos e coisas de Itaiara. A cidade é servida por um trem e banhada por um rio aos fundos. Entre este e aquele, vive a menina, os seus sonhos e seus espantos, vagarosamente apreende o mundo, e quer um dia ver Belém, que lhe parece meio incomunicável, meio faz-de-conta. [...] A autora conversa mais que escreve, usando de sua franqueza, ou candura, ao puxar os assuntos, com vivacidade. [...] Estreando com este romance, Lindanor Celina incorpora-se ao pequeno grupo de escritores paraenses que não se desgarram da província e juram amor constante àquelas criaturas e coisas sempre tão ignoradas e remotas, que são o Pará (JURANDIR, 1997, p. 5)

Olhar para trás sem medo: reminiscências do Tempo-Foi

Mas eu sou uma escritora. E um escritor se nutre disso tudo, nutre-se da sua vida, do seu sangue, do seu riso, do seu pranto. Tenho de olhar para trás, é o jeito. Se não olho, como cumprir este meu fado? (CELINA, 1983, p.54).

Irene, peralta toda vida, nasceu em Buritizal, mas por loucuras de seu Pai, Seu Geraldo, mudaram-se para Itaiara. Seu pai achava que haveria melhores condições para a família no novo lugar; sua mãe, dona Adélia, não gostou muito, mas aceitou. E a vida foi seguindo seus trilhos, mais tarde, Irene vai

morar em Belém para estudar num colégio de freiras. Esses relatos se referem às obras *Menina que vem de Itaiara* (1963) e *Estradas do Tempo-Foi* (1971). As tramas dessa história nos fazem lembrar outra: a de Lindanor Celina.

A romancista nasceu em Castanhal – Pará, mas se dizia bragantina por ter se mudado ainda criança para Bragança, mais tarde aos onze anos se muda para Belém quando vai estudar no colégio Santo Antônio. Daí, a vida segue seu destino, Lindanor vai trabalhar no Tribunal de Justiça do Pará e em concomitância começa a escrever uma coluna de crônicas intitulada *Minarete* no jornal *A Folha do Norte*. Prenuncio de um caminho que mais tarde, faria Lindanor Celina avançar para águas mais profundas.

As tramas do tempo fazem ambas as histórias se entrecruzarem, tessituras da arte que transformam ficção em realidade e vice-versa, ou para além, a ficção-realidade que a literatura nos oferece, a tal ponto de não saber o que é real e o que é ficção, onde o narrador vela e se revela como sugere Fares (2003), em *De um narrador-borboleta e seu exercício de máscaras*, apresentação do livro *Para além dos anjos*:

Certa vez Lindanor Celina, numa das suas visitas a Belém, disse-nos que não há romancista sem memória. E a memória, como se sabe, pontuou a maioria de seus romances. *Para além dos anjos* (seria ele um romance?), parece-nos, a princípio, que a prosadora tomou um outro rumo. No entanto, quando mergulho nas águas ficcionais da referida obra, percebo que a escritora, através de um narrador implícito, deixa, nos interstícios da palavra, sua própria presença [...]

debaixo da pele do narrador, não raro, instala-se Lindanor (FARES, 2003, p.5)

Note-se que Lindanor se revela em suas personagens dando-lhes vida por sua própria vida, sem, contudo, revelar-se. Embora, escreva romances ficcionais, os nutre com as suas memórias, “o romancista, mais que qualquer outro artista, vive da memória” (CELINA, 1983, p. 170). Por isso, trazemos ao diálogo a professora Adélia Meneses que pesquisa na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, o diálogo é apreciado pelo prisma de *O poder da palavra* (1995).

Meneses (1995) nos diz da necessidade de compreender a reminiscência à luz da literatura. Afirmar que, segundo Aristóteles, a reminiscência é uma memória consciente, isto é, uma memória prática. É possível perceber esses traços na obra que está sendo base deste estudo: *Pranto por Dalcídio* (1983). Na qual vemos mais concretamente sua construção literária pelas memórias da autora. Meneses faz um retorno aos primórdios e nos traz à lembrança a Deusa Mnemosyne, aquela que está destinada a sacralização da memória e a função poética, assim como os aedos – poetas inspirados pela musa, os quais resgatam pelos seus cantos, fatos esquecidos; guardiães da memória entre o rememorar e o inventar.

A reminiscência é a memória consciente de si própria: uma capacidade propriamente humana, que os animais não possuíam [...] remonta ao movimento inicial, depois do qual virá aquele de que se tem necessidade [...] as reminiscências, quando remonta a origem, são muito rápidas e muito úteis, pois no que concerne sua

sucessão, as coisas se apresentam umas em relação às outras da mesma maneira que os movimentos correspondentes. (MENESES, 1995, p. 138)

No *Pranto*, a busca pelas lembranças durante a escritura, é como se Lindanor evocasse a Deusa Mnemosyne em seu auxílio: “Busca, busca, através das memórias dessas noites – quem sabe algo darás de testemunho [...] algo que não ache em livro nenhum” (CELINA, 1983, p. 137).

No tocante às reminiscências, Meneses (1995) compreende que quando nossas lembranças são contaminadas de desejo, podem se tornar ficção, ou seja, nossa imaginação pode estar tão envolvida no ato de rememorar, que seria um erro afirmar, que determinado fato é real ou não. Esse universo, que compreende a memória, está agregado a movimentos estilísticos que servem à literatura, também para a compreensão de quem somos, nas nossas transformações em processos históricos, metafóricos, ou seja, do nosso fazer poético.

A memória brota da mesma parte da alma da qual brota a imaginação, e que “as coisas que são objeto da memória são também aquelas que dependem da imaginação”, mas, o que é mais surpreendente ainda, declara que a imaginação é movida pelo desejo (MENESES, 1995, p. 147-8).

Para elucidar, em *O tempo na narrativa* (1995), Benedito Nunes traz reflexões sobre a poética de Aristóteles, assim como considerações acerca de Espaço/Tempo e afirma, ainda, que Aristóteles se restringe um pouco em relação ao Espaço, todavia, o autor nos apresenta uma classificação tangenciada ao

tempo. Desta maneira o tempo se subdivide em dois níveis: o primeiro no tocante à história; o segundo sobre o enredo.

A noção de tempo está implicada nos dois níveis distintos a que remetem esses significados: o nível da *história*, relativo aos fatos que ocorrem exteriormente numa certa ordem, e o *enredo*, que os ajusta ou configura na unidade orgânica, sistemática, da ação interna à obra. (NUNES, 1995, p. 7-8)

Na intenção de relacionar as teorias de Benedito Nunes sobre o tempo à trajetória da romancista Lindanor Celina pela leitura de *Pranto por Dalcídio Jurandir – memórias*, tomamos o tempo no nível da *história* com relação a fatos, acontecimentos exteriores. Na leitura do “Pranto”, temos revelado a partir das memórias de Lindanor, o seu percurso de escritura do primeiro romance *Menina que vem de Itaiara*, assim como a trajetória pessoal e profissional da escritora.

Por conseguinte, o nível do *enredo*, segundo Nunes (1995), é a unidade orgânica, sistemática da ação interna à obra, assim, compreende-se a obra *Pranto por Dalcídio Jurandir* como o organismo que reúne as memórias da autora, por vezes cronológico, mas que também é anacrônico a constituir, portanto, o enredo. Por certo, a voz presente na escritura de Lindanor fala do passado, mas, nem sempre compreende distância. A voz de agora, leitura, diz do que se eternizou na memória, na lírica do vivido, onde tempo-espaço comporta a sensibilidade entre o “transitório e o permanente”.

O temporal o espacial nas artes formam domínios mutuamente

permeáveis [...] Dada essa mútua permeabilidade, pode-se adotar, como critério distintivo [...] o texto narrativo possui encadeamento de ordem temporal, conforme a “sucessão dos fatos que discurso evoca”. (NUNES, 1995, pp. 13-14).

As evocações da memória de Lindanor trazem seu aprendizado com Dalcídio, eis aí um exemplo de fatos que ocorrem de maneira *cronológica*. Em contrário a essas narrativas estão lembranças de tempos não muito precisos na sua ocorrência, ou de fatos que eram referentes ao sentimento em relação ao futuro, mas são lembrados para compor a escrita, dessa percepção é que se propõe a observação de uma narrativa *atemporal*. Considera-se, então, estarmos dentro de uma narrativa de espaço psicológico atemporal que transmuta presente-passado, às vezes, cronologicamente, às vezes não.

A experiência da sucessão dos nossos estados internos leva-nos ao conceito de *tempo psicológico* ou de *tempo vivido*, também chamado de *duração interior*. O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. [...] O *tempo psicológico*, subjetivo e qualitativo, por oposição ao *tempo físico* da Natureza, e no qual a percepção do presente se faz ora em função do passado ora em função de projetos futuros, é a mais imediata e mais óbvia expressão temporal humana. (NUNES, 1995, pp.18-19)

Em algumas lembranças, Lindanor visita as memórias, sequencialmente, em outras, menciona uma lembrança que aconteceu muito tempo depois, ou seja, a composição do *Pranto* tem digressões que se referem ao passado do futuro. Um exemplo dessas

digressões ocorre quando Lindanor Celina explica como surgiu o sítio Itaiara. Nesse momento ainda não existe o livro *A menina que vem de Itaiara*, o livro surge depois, com a afirmativa da autora de que a palavra é criada por ela e por seu chefe no tribunal, Raymundo Moura, em uma tarde. Assim, percebe-se que há uma rememoração sobre um acontecimento futuro, no passado, justifica, portanto, a narrativa atemporal.

“A narrativa abre-nos, a partir do tempo que toca à realidade, outro que dela se desprende. Assim, é forçoso concluir que ela abrange dois tempos em uma vez só.” (NUNES, 1995, p.15) Quando Lindanor abre a cortina da memória, temos três dimensões: a emoção das suas narrativas rememoradas; a emoção transferida pelo seu olhar; e o que mora em suas retinas e não se consegue alcançar, tampouco, ela própria consiga transmitir, pois aporta no tempo vivido, ou seja, no espaço psicológico no qual o leitor, talvez não alcance.

Enquanto o tempo físico se traduz com mensurações precisas, [...] o psicológico se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente, abrangendo, ao sabor de sentimentos e lembranças [...] a irreversibilidade do tempo físico, que tem uma direção. Irreversível também, de outra maneira, o tempo vivido, pois o que ficou pra trás o sabor do ovo comido ontem e o prazer da água há pouco bebida. Mas a sua direção, que lhe empresta o atributo da finitude, segue, de momento a momento, entre o passado e futuro, a linha fugidia dos instantes vividos, encurtada à proporção que a vida se alonga, aproximando-nos da morte. (NUNES, 1995, p.19)

Há uma profundidade ontológica nas linhas de Lindanor Celina que residem entre o ficcional e o real a ponto de nos confundir se estamos diante da autora ou personagem, ou ainda, diante das duas como ocorre no *Pranto*, em que, aqui e ali nos encontramos com Irene pelas memórias da escritora. “sou das que cortam *recuerdos*, bons ou maus. Depois de um distanciamento é que volto a eles, mas noutra fase que não a do mero lembrar, na de convertê-los em palavras [...] vai, memória, escava, escava, como foi?” (CELINA, 1983, pp. 93-94).

Ao falarmos sobre uma escrita memorialística como compreendemos a prosa de Lindanor, pode-se incidir no erro de afirmar verdades no que se lê e não questionar o texto literário. Benedito Nunes nos faz a provocação do estranhamento com o texto, pois, apesar de estarmos diante de uma tessitura que diz de acontecimentos vividos, ainda assim, estamos diante de uma obra literária e diz:

Nas obras ou nos textos literários dramáticos ou narrativos, o tempo é inseparável do mundo imaginário, projetado, acompanhando o estatuto irreal dos seres, objetos e situações. Conjugam-se segundo registros peculiares, que decorrem de sua apresentação na linguagem, principalmente ao tempo vivido (NUNES, 1995, p. 24).

Embora a obra literária memorialística tenha seu fio condutor pelo *tempo vivido*, ainda assim, é uma obra ficcional, justamente, por ser o “tempo inseparável do mundo imaginário”. Pelo pensamento de Nunes (1995, p.25) não há, dessa forma, uma continuidade do tempo real na ficção. Para ele, a descontinuidade temporal

é quase imperceptível pelo leitor, por ser propriamente, quem dá fluidez ao tempo com sua leitura preenchendo os espaços.

O tempo jamais se reveste da continuidade do tempo real, que transita, conforme vimos do presente ao passado e do passado ao futuro. Daí as inevitáveis lacunas que o distinguem – fases interrompidas, momentos suspensos, períodos vazios – de que comumente o leitor ou espectador não se apercebem, porque suprem as soluções de continuidade como se, forçosamente, o *continuun* do tempo tivesse que ser restabelecido após cada interrupção [...] É deslocável o presente, como deslocáveis são o passado e o futuro. De “uma infinita docilidade” o tempo da ficção liga entre si momentos que o tempo real separa. Também pode inverter a ordem desses momentos ou perturbar a distinção entre eles, de tal maneira que será capaz de dilatá-los indefinidamente ou de contraí-los num momento único, caso em que se transforma no oposto do tempo, figurando o intemporal e o eterno.

Isto posto, Benedito Nunes elucida *três planos* que compõem a narrativa: o da história, do ponto de vista do conteúdo; o do discurso, do ponto de vista da forma de expressão; e o da narração, do ponto de vista do ato de narrar. Assim, na observação da escrita de Lindanor Celina em *Pranto por Dalcídio* pela perspectiva teórica citada, sugere que no plano da história a obra se funda nas memórias da amizade da autora com Dalcídio Jurandir; no plano do discurso e no da narração a marca da oralidade funda a narrativa corroborando com a estilística da romancista.

Para além, o plano discursivo na obra literária deve ser linear, tem a obrigação de sê-lo, diferente do tempo narrativo que não precisa seguir a linearidade, isso porque, o que vai

garantir a compreensão do tempo narrativo é a fluidez do discurso, no qual a obra se fundará.

Nesse momento relembramos a fala de Dalcídio pedindo para que Lindanor escutasse as pessoas, observasse suas peculiaridades, ao fazer isso, ganharia força à escrita. Ela, por sua vez, questiona se seria capaz de usar a voz das pessoas para a tessitura narrativa. Percebe-se neste ponto, a preocupação de Lindanor com o plano discursivo citado por Nunes, sem o qual, sua obra não teria sentido.

Dalcídio me olhou como iluminado: “você viu?”[...] Gostava de ouvir as pessoas. Atento ficava a escutá-las, numa espécie de fome contida como se há muito disso tivesse sido privado, a fala do seu povo, sua gente paraense. [...] Dalcídio ouvia e no caminho de volta a nosso rancho (sempre Itaiara, estamos em Itaiara) comentava: “viu como eles falam? É uma riqueza. Você não deve perder esse material”. – “Mas eu?” – “Sim senhora, é o seu mundo. Ouça tudo e vá anotando, que um dia isso lhe serve. É só ir buscar. Nos guardados”. – “E pôr na boca de outra gente, Dal?” – “Por que não?” – “E se não der, se soar falso?” Ele ria, levantando um pouco o queixo, nem superior, mas bem dono, consciente de uma verdade, aquela sim, não tinha receio de afirmar: “Ah minha senhora, aí é que está. Se não der, não colar, a culpa é sua.” (CELINA, 1983, p. 67)

Para Nunes (1995, p. 28), a tessitura narrativa “se compõe das manobras poéticas e retóricas da linguagem, o tempo segue a concretização da escrita (e da emissão verbal na narrativa oral), tanto no sentido material de seguimento das linhas e páginas”. Lindanor Celina cumpriu essa lição com maestria, sua escrita fluente foge à regionalice e ganha o leitor que está ao seu lado como que ouvindo sua voz.

Na apresentação de *Menina que vem de Itaiara* (1997) edição especial, Paulo Nunes descreve no texto *Devagar, as janelas olham!*, a sensibilidade da escrita da autora e o que pode provocar no leitor pela fruição estética de suas narrativas. Para além, um convite para "emprenhar nossos ouvidos. Ou seriam nossos olhos?".

A escritora bragantina resistiu ao assédio das palavras fáceis, esvaziadas de significado, que rimam açai com bacuri, tacacá com mapará etc etc. estamos fartos de regionalice. Aqueles que, em seus textos, optam pela semântica de superfície, esquecem que uma narrativa mal-arquitetada, de enredo frouxo e trama boboca, acabam fazendo azedar misturas exóticas porque as palavras, dessa maneira, ficam órfãs de um significado que as torne universal. [...] [e] Quem arriscar-se a dizer que Lindanor é mais romancista que cronista, prova que não se deliciou com *Diário da Ilha* (talvez o mais belo livro de crônicas escrito por aqui depois de *Banho de Cheiro*, 1962, de Eneida). Perigoso também afirmar o contrário, pois *Eram Seis Assinalados* está aí para provar as habilidades da escritora [...] durante a leitura, nossas retinas contemplam Itaiara, retinas que nela penetram e saem meladas das palavras que Lindanor Celina insemina com o objetivo de emprenhar nossos ouvidos. Ou seriam nossos olhos? (NUNES, 1997, p. 7).

A leitura da prosa poética de Lindanor Celina nos conduz à percepção de nós mesmos, atentar aos sentidos dilatados no encontro com o prazer pela literatura, da Poesia elã da vida. Do gostar de ver Lindanor dizer *lonjuras* (uma palavra muito usada por ela), *lonjuras* do que está diante dela, apenas pela memória, *lonjuras* no estar perto e longe, *lonjuras* num Tempo-Foi tão seu que vive, tão somente, no recôndito brilho das retinas da Viajante e seus espantos.

Até Breve, Sempre!

Escrever esse artigo é um desejo singelo de demonstrar gratidão à literatura, à Arte na dimensão profunda do que significa para mim e para tantos.

Quando conheci a literatura de Lindanor Celina estava no 3º ano da graduação em Letras, de lá pra cá não nos separamos mais. Meu primeiro contato foi no projeto de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UEPa, momento em que comecei a participar do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA). O projeto fazia parte da linha de Pesquisa, Poéticas e marca um divisor de águas na minha formação pessoal e profissional devido ao estreitamento que tive com a Literatura Amazônica.

Ler Lindanor Celina é conversar com ela, tornar-se íntimo das suas histórias, dos seus segredos pela voz de Irene e, embora, não a conhecesse pessoalmente, me sinto próxima quando leio seus textos. E além, me emociono, choro, rio. É como se sua tessitura poética tivesse o encantamento de nos envolver.

No decorrer desse estudo, propus-me a estabelecer um diálogo à luz da obra *Pranto por Dalcídio-memórias* (1983), na qual Lindanor Celina partilha com o leitor suas memórias da amizade com o escritor Dalcídio Jurandir como uma carta de amor que celebra essa amizade. A partir dos teóricos estudados pôde-se refletir sobre o percurso estético que a autora estabelece nas suas narrativas e também conhecer seu percurso de identificação como romancista.

A cada leitura, um presente narrado por ela. Toda a obra é tecida com a marca da oralidade tão cara a Lindanor, sua escrita conduz num passeio pelo tempo, pelo espaço, pela emoção partilhada nas suas lembranças do Tempo-Foi.

Contudo, o intento deste estudo é, além de dialogar sobre a escrita de Lindanor Celina, trazer pela leitura, um convite: convite à fruição, à leitura, à literatura, à arte. Lançar-se com a Viajante pelas sendas, nos espantar e sentir suas histórias. O convite está feito.

Au revoir et à Bientôt!

Referências

CELINA, Lindanor. **Pranto por Dalcídio - memórias**. Belém, SEDECT, Falângola, 1983.

CELINA, Lindanor. **A viajante e seus espantos**. Belém, Cejup, 1988.

CELINA, Lindanor. **Menina que vem de Itaiara**. Belém, Cejup, 1997.

CELINA, Lindanor. **Para além dos anjos**. Belém, Cejup, 2003.

TUPIASSÚ, Amarilis (org.); PEREIRA, João Carlos (org.); BEDRAN, Madeleine (org.). **Lindanor, a menina que veio de Itaiara**. Belém, SECULT, 2004.

NUNES, Benedito. **O tempo na Narrativa** - Série Fundamentos. Ed. Ática, 2ª edição, São Paulo, 1995.

MENESES, Adélia Bezerra de. **O poder da palavra/ Ensaaios de literatura e psicanálise**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

JURANDIR, Dalcídio. Apresentação; In: CELINA, **Lindanor. Menina que vem de Itaiara**. Edição especial – Belém: Cejup/ Secult, 1997.

Dados sobre a autora

Marcia Daniele dos Santos Lobato, bolsista cnpq, cursa mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. É membro do Núcleo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA). *E-mail:*
marciadaniele.lettras@gmail.com